

16. A SALVAÇÃO DO DEVOTO

Ontem, quando entrei no salão, Eu pude ver a aflição que todos sentiam. Isso é porque vocês Me identificam com este corpo, que padecia com uma enfermidade. Tivessem vocês conhecimento da Minha verdade, não teriam se afligido; na realidade, tivessem vocês conhecimento da sua própria verdade, isso teria sido o bastante. A doença veio e se foi; Eu a tive sob o Meu controle todo o tempo. Um dia, ela atingiu o seu ponto máximo, mas Eu estava acompanhando seu desenrolar, permitindo que concluísse seu *dharma*. Eu assumi a enfermidade, logo Eu devia permitir que ela cumprisse seu *dharma*. Todo tipo de tolice circulou enquanto estive enfermo. Certas pessoas temiam que alguma magia negra tivesse se abatido sobre Mim quando estive no sul, recentemente, e que o acesso de paralisia fosse a consequência disso. Afirmo-lhes que nenhum mal pode Me afetar. Nada Me pode ferir. Eu sou o Mestre, o Poder que tudo governa.

Outros disseram que Eu estava observando um voto de silêncio ou em estado de concentração *yogue*. Mas, por que deveria Eu guardar um voto de silêncio? Se Eu me silenciar, como poderei levar adiante Minha tarefa de reformá-los, e fazê-los compreender o objetivo da vida? E por que deveria Eu estar em estado de concentração, Eu que sou a própria forma da bem-aventurança e do amor supremo? Quem dá ouvidos a tais boatos é o inseguro que tem dúvidas, o tolo ignorante. O verdadeiro devoto não dá atenção a tais notícias. Para os devotos aqui presentes, esses oito dias foram de intensa penitência, e seus pensamentos estavam todos voltados para Swami.

Ter pensamentos menores e mesquinhos é uma forma de egoísmo

Certa vez, Krishna também fingiu sofrer de uma dor de cabeça, intensa e insuportável! Ele foi tão convincente em Sua encenação quanto Eu, na semana passada. Ele envolveu a cabeça com panos aquecidos e se revolia, irrequieto, na cama. Seus olhos estavam vermelhos, e Seu desconforto era evidente. O rosto também parecia inchado e pálido. Rukmini, Sathyabhama e as outras rainhas acudiram com vários tipos de remédios e paliativos, mas foram todos inúteis. Finalmente, consultaram Narada que foi ao quarto do enfermo examiná-Lo e descobrir que droga poderia curá-Lo.

Krishna mandou que ele trouxesse – adivinhem que remédio! – o pó dos pés de um verdadeiro devoto! Num instante, Narada surgiu perante alguns célebres devotos do Senhor, mas eles se sentiram por demais inferiores para oferecer o pó de seus pés para ser usado como remédio pelo seu Senhor.

Essa também é uma forma de egoísmo: “Eu sou ínfimo, vil, inútil, pequeno, pobre, pecador e inferior.” Tais sentimentos também são egoístas. Quando não existe ego, não há sentimento nem de superioridade nem de inferioridade. Ninguém se dispunha a dar o pó pedido pelo Senhor, e todos se declaravam por demais desprovidos de valor. Decepcionado, Narada retornou ao leito do enfermo. Krishna lhe perguntou então: “Você tentou em Brindavana, onde moram as *gopis*?” As rainhas riram da sugestão, e até Narada perguntou com tristeza: “O que entendem elas de devoção?” Mesmo assim, o sábio correu até lá.

Sigam o *karma* que é aprovado pela sabedoria superior

Quando as pastoras souberam que Krishna estava doente, e que só o pó de seus pés poderia curá-lo, não pensaram duas vezes – sacudiram a poeira dos pés e com ela encheram a mão de Narada. Quando este voltou a Dvaraka, a dor havia passado. Fora apenas uma peça de cinco dias para ensinar que autocondenação também é egoísmo, e que as ordens do Senhor devem ser obedecidas por todos os devotos, sem hesitação.

Quando Eu disse que havia assumido a enfermidade destinada a alguém que não poderia suportá-la, e que não teria sobrevivido a ela, muitos de vocês pensaram: “Por que deveria Swami fazer com que tantos de nós sofram para o bem de uma só pessoa?” Ora, Rama não se dirigiu para a floresta, embora toda Ayodhya chorasse? Meu *dharma* de salvador dos devotos deve ser levado a cabo; o *dharma* da doença também deve ser cumprido. Krishna poderia ter cessado as chuvas, não importa quão poderoso fosse Indra, mas Indra tinha que cumprir seu *dharma*. Ao erguer o monte Govardhana, para proteger o gado e os vaqueiros, Krishna manifestou Sua divindade! Neste caso, também, a *lila* (jogo divino) é a mesma:



aproveitar a ocasião para demonstrar a um mundo incrédulo a Divindade inerente a esta forma humana. Ontem, Eu lhes disse que até mesmo esse afortunado devoto foi apenas um instrumento para a concretização da promessa feita ao sábio Bharadvaja no passado. Isso serviu para anunciar Minha verdadeira natureza a todos vocês. Vocês são muito afortunados de poderem testemunhar, no sagrado dia de Guru Purnima, esta magnífica prova de Minha Divindade.

O karma superior conduz à sabedoria

Não há *sathya* (verdade) sem *shiva* (gozo, felicidade) nem há *hivam* sem *sundaram* (beleza). Somente a verdade pode conferir *mangalam* (prosperidade), e somente mangalam é a verdadeira beleza. Verdade é beleza; alegria é beleza. Falsidade e sofrimento não são belos porque não são naturais. *Buddhi* (intelecto), *chitta* (consciência) e *hrudaya* (coração) são os três centros de um indivíduo, onde residem *jñana* (sabedoria), *karma* (ação) e *bhakti* (devoção). O resplendor da verdade revelará a felicidade. Cumpram o *karma* que foi aprovado pela sabedoria superior, não o *karma* que nasce da ignorância. Então, todo *karma* será *sivam*: auspicioso, benéfico e abençoado. A experiência deste *karma* é chamada beleza, pois ela confere verdadeira *ananda* (bem-aventurança). Essa é a Minha realidade. Por isso Minha vida é chamada “*Sathyam Sivan Sundaram*”.

Sigam o *karma* baseado na sabedoria, a sabedoria de que tudo é Uno. Que o *karma* seja permeado de *bhakti*, ou seja; humildade, *prema* (amor), *karuna* (compaixão) e *ahimsa* (não-violência). Que a devoção seja plena de sabedoria, caso contrário será leve como um balão que se deixa levar por qualquer corrente de ar ou rajada de vento. O simples conhecimento torna o coração árido; a devoção o suaviza com a compaixão, e o *karma* dá às mãos algo para fazer, algo que santificará cada minuto que lhe foi dado viver neste mundo.

É por essa razão que se diz que devoção é *upasana* (aprender sentado aos Pés do Mestre) - residindo próximo, sentindo a Presença e partilhando a doçura da Proximidade. É o anseio do discípulo por se colocar aos Pés do Guru para aprender que o induz a partir em peregrinações, a construir e restaurar templos e a consagrar imagens. Os dezesseis passos com os quais se adora o Senhor acalmam a mente que anseia por contato direto com o Supremo. Tudo isto é *karma* de ordem superior e os conduz à sabedoria. Primeiramente, vocês iniciam com a idéia de que: “Eu estou na Luz”, então se estabelece o sentimento de que: “A Luz está em mim”, conduzindo à convicção de que: “Eu sou a Luz”. Essa é a suprema sabedoria.

Reconheçam-se em todos; amem a todos como a vocês mesmos. Um cão fechado em um quarto com paredes de espelho vê tudo como uma miríade de reflexos. Ele não se vê, mas sim, rivais, concorrentes, outros cães contra os quais deve latir. Ele se cansa de saltar contra os reflexos e, quando estes também saltam, se enfurece ainda mais. Contudo, o homem sábio se vê em toda parte e conhece a paz. Ele se compraz que haja tantos reflexos de si mesmo ao seu redor. Essa é a atitude que vocês devem aprender a adotar e que lhes poupará de contrariedades desnecessárias.

Prasanthi Nilayam - 07/07/1963

